

COISAS ESTRANHAS E ASSUSTADORAS

MARGARET KILLJOY¹⁸

TRADUÇÃO POR SOL2070

<https://sol2070.in/>

Segue um artigo de Margaret Killjoy, autora trans e ativista anarquista estadunidense, que tinha marcado há um tempo para compartilhar.

Ela faz um de meus podcasts favoritos, sobre a história de revoltas, movimentos e grupos: [Cool People Who Did Cool Stuff](#).

Escreve [ficção de primeira](#) ([Fantasia anarquista épica de guerra](#)) e artigos na [newsletter](#), como o texto abaixo. É do final de 2024, diante do horror de outra administração Trump.

¹⁸ Tradução original disponível em: <https://sol2070.in/2025/08/trans-anarquista-nos-eua-de-trump/>. Compartilhado com o *acervo digital trans-anarquista* em setembro de 2025.

Publicado originalmente em inglês de 27 de novembro de 2024. Disponível em: <https://margaretkilljoy.substack.com/p/we-are-the-strange-and-scary-things>

NÓS SOMOS AS COISAS ESTRANHAS E ASSUSTADORAS NESTAS FLORESTAS

*“Não peço para estar a salvo dos meus inimigos, mas para ser
perigosa para eles.”*

— a oração anarquista

Parei de assistir a filmes de terror há uns doze anos, quando vivia numa van. Veja, passei muitas noites sozinha naquela van no meio do nada — no fundo das florestas ou em estacionamentos vazios pelo país — e não fazia bem ao meu sistema nervoso assistir a filmes de terror. Pessoas como eu, a estranha e ameaçadora andarilha, geralmente somos mortas pouco depois de avisarmos os corajosos e azarados protagonistas sobre os horrores ancestrais enterrados sob a neve ou seja lá o quê. O ponto é: eu já estava sozinha em lugares assustadores com frequência suficiente, e assistir terror não me fazia bem.

Em 2019, mudei para uma pequena cabana preta em formato de A, enfiada no meio da floresta. Não era exatamente o meio do nada — havia talvez dois vizinhos que poderiam me ouvir gritar. Mas não havia ninguém à vista. Na primeira noite que passei naquela cabana, senti que estava num, você sabe, filme de terror. Lá estava eu, uma noite escura e tempestuosa, distraída pelos clarões de relâmpagos através da janela de vidro da porta, incapaz de prestar atenção ao meu amor. Eu esperava que o próximo clarão iluminasse uma silhueta entre as árvores.

Em vez disso, estava tudo bem. No dia seguinte, colocamos o piso, e ele falou sobre seu amor, como trabalhadora sexual queer, por podcasts de true crime.

No primeiro mês, ao subir a colina à noite para chegar à minha cabana, eu sentia medo. Apertava uma faca na mão; pulava com as sombras.

Mas não demorou até eu deixar de ter medo daquelas florestas. Talvez, mais do que tudo, deixei de ter medo porque percebi: eu era a coisa assustadora naquelas florestas.

A primeira entrada do primeiro *Liber Monstorum*, o livro dos monstros do fim do século VII ou início do VIII, é uma mulher trans — ou talvez uma pessoa intersexo. Alguém que aparenta ser masculino, mas vive como mulher.

Nos filmes de terror, eu não era a vítima ominosa do começo. Eu era o monstro.

Eu era uma mulher trans armada, vivendo sozinha numa cabana preta em formato de A que eu mesma construí. O caminho até minha casa começava no fim de uma estrada de cascalho e serpenteava por uma terra coletiva cheia de pessoas queer armadas e com cachorros.

Nazistas me armaram um doxxing naquela época, achando — erroneamente — que eu era uma das líderes do antifa. Eles espalharam fotos minhas. Espalharam informações sobre onde eu vivia, com quem eu andava. Foi até uma boa descrição; escolheram fotos que me favoreciam e exageraram a importância tanto da minha escrita quanto do meu ativismo. E eu simplesmente... não fiquei com medo. Não digo isso como bravata. Nem mesmo fui corajosa — é preciso sentir medo para ser corajosa. Os nazistas não me assustaram. Os nazistas, na verdade, estavam claramente com medo de mim.

Essa é a ordem correta das coisas.

Hoje em dia eu volto a assistir a filmes de terror, de vez em quando.

Como pessoa queer nos EUA, especialmente sendo uma mulher trans vivendo em um estado conservador profundo, estamos entrando em tempos assustadores. Desta vez, não vou fingir que não tenho medo. Desta vez, serei corajosa. Estamos entrando em tempos assustadores, mas não estamos impotentes — e somos, no mínimo, tão assustadoras quanto nossos inimigos.

Moro em West Virginia¹⁹, e não tenho mais medo de viver aqui do que teria em qualquer outro lugar. Para ser clara, há ameaças específicas e tangíveis que pessoas queer enfrentam vindas dos sistemas legais desses estados vermelhos. Se eu tivesse, ou fosse, uma criança ou adolescente trans, provavelmente estaria procurando outros lugares para viver, onde o acesso ao cuidado médico fosse mais certo.

Ser corajosa diante de ameaças não significa ignorá-las. Embora eu nunca aconselhe alguém a fugir (ou a ficar), acho que convém a muitas pessoas, especialmente pessoas trans, manter seus passaportes em dia e elaborar alguns planos de contingência. Já venho pensando em mudar meu nome legalmente há algum tempo, mas os eventos recentes me fizeram perder o interesse em fazer isso agora — prefiro que meu nome legal não seja conectado à minha escrita política e prefiro que meu nome legal combine com o gênero pelo qual passo mais facilmente.

Mas só porque existem ameaças muito reais diante de nós — tanto agora quanto no horizonte — não significa que não tenhamos agência, nem que devamos desistir, fugir ou cair no desespero. Nunca foi seguro ser trans neste país. Nós, após enormes esforços e sangue derramado, conquistamos alguns avanços em termos de proteção legal e aceitação cultural, e agora vemos essa maré alta recuar diante de nós. Está tudo bem. Já passamos por isso antes. Talvez não como indivíduos, mas certamente como cultura.

¹⁹ Estado de absoluta maioria branca conservadora, comparativamente pobre, com fama de má qualidade de vida, mas repleto das belezas naturais dos Montes Apalaches.

Um jornalista chamado Edward R. Murrow tem uma frase que me vem à mente com frequência: “lembrem-se de que não descendemos de homens medrosos.”

Nós, queers, temos uma linhagem de coragem que simplesmente não pode ser negada.

Na verdade, a citação completa de Murrow vale a pena neste contexto. Ele escrevia sobre o senador McCarthy, escrevia contra o macarthismo. “Não caminharemos com medo, uns dos outros. Não seremos levados pelo medo a uma era de desrazão, se cavarmos fundo em nossa história e nossa doutrina, e lembrarmos que não descendemos de homens medrosos — não de homens que temiam escrever, falar, se associar e defender causas que eram, naquele momento, impopulares.”

A ideia nessa frase é que precisamos lutar contra o macarthismo, claro, mas também que não devemos ser levados pelo medo a uma era de desrazão. Não devemos deixar que o medo uns dos outros domine nossas vidas. Em grande parte, quero dizer isso a todas as pessoas que têm acreditado na propaganda contra pessoas queer, especialmente pessoas trans, ultimamente. Mas também quero lembrar *a mim mesma* disso. Não devemos caminhar com medo, uns dos outros.

Tenho inimigos, sem dúvida. Já me mandaram fotos da minha família. Já disseram que queimariam minha casa comigo dentro. Mas a pessoa comum, incluindo a pessoa comum aqui em West Virginia onde vivo, não é minha inimiga. Fico frustrada — além da frustração — em saber que a maioria esmagadora dos meus vizinhos votou em um presidente que espalha explicitamente ódio contra pessoas queer. No entanto, essas pessoas nunca me fizeram sentir insegura pessoalmente.

Já vivi em muitos lugares, e sinceramente já enfrentei muito mais assédio em cidades (coincidentemente cidades de estados azuis, onde vivi) do que em pequenas cidades (geralmente em estados vermelhos). Isso não porque o interior seja algum lugar mágico livre de preconceito, mas

simplesmente porque há menos gente aqui. Se eu ando por uma rua em Nova York, passo literalmente por milhares de pessoas, então é muito mais provável que alguém diga algo horrível.

Meus dados também ficam enviesados pelo fato de que, inconscientemente, espero estar mais segura em grandes cidades liberais, então tomo menos precauções e me visto de forma mais provocativa. Onde vivo, às vezes estou em “modo boy”. Às vezes não. Algumas pessoas por aqui sabem que sou mulher trans, outras só acham que sou um homem queer estranho com franja e brincos (e uma caminhonete e um casaco Carhartt, o que ajuda). Ninguém realmente me enche o saco.

Não é como se você cruzasse a linha imaginária de Maryland para West Virginia e de repente todo mundo fosse um tipo diferente de pessoa. As pessoas aqui não são, sabe, monstros. Não importa o que os filmes de terror tenham dito a você.

O lema que mais aparece em defesa comunitária é “nós nos protegemos”, e é algo em que acredito do fundo da alma. Não tenho expectativa de que o Estado vá me proteger. Talvez eu devesse poder ter essa expectativa. É bom quando há leis que dizem a empregadores que não podem demitir funcionários por serem trans. Mas mesmo quando essas leis existem, é extremamente difícil encontrar trabalho como pessoa trans que não passa por outra. (Pessoalmente tenho sorte, porque na minha área como “autora anarquista e podcaster” isso não é um problema.)

Existe uma diferença entre “culpa” e “responsabilidade” com a qual as pessoas às vezes se atrapalham nos círculos ativistas. Não é minha culpa que a sociedade me veja como monstruosa — essa visão é mais antiga que a língua inglesa moderna. Não é minha culpa que as pessoas tenham dificuldade em me aceitar. Não é minha culpa que mulheres trans sejam o

centro de uma guerra cultural, porque servimos bem como tema divisor entre esquerdistas e progressistas.

Mas minha segurança e minha libertação são minha responsabilidade. Ninguém mais (além de um “nós” mais amplo de queers, anarquistas e ativistas) vai fazer isso por mim. Se quero viver em um mundo melhor, mais seguro, preciso aceitar que isso depende de mim e parar de esperar que alguém venha me salvar.

Mesmo leis antidiscriminação — quem as aplica? A polícia? A polícia, como se sabe, não é exatamente a mais acolhedora das instituições.

Mas eu, e “nós”, não estamos sozinhas nesta luta.

Anos antes de me mudar para West Virginia, vim para cá ajudar na luta contra a mineração de carvão por remoção de topo de montanha. Fiquei até tarde conversando com um velho mineiro sindical aposentado, um homem branco chamado Sid, que infelizmente já faleceu.

Ele me contou uma história sobre lutar contra a Guerra do Vietnã no fim dos anos 1960. Ele disse: “Nós ficávamos numa esquina com nossos cartazes contra a guerra, e na outra esquina estavam os negros radicais com seus cartazes contra o racismo, e numa terceira esquina estavam os gays com seus cartazes pelos direitos gays. Então um dia percebemos que seríamos mais fortes se todos ficássemos na mesma esquina, então fizemos isso — e fomos mais fortes.”

Era tão simples e verdadeiro. Uma metáfora e uma história real ao mesmo tempo.

Ele também é exemplo de um dos tipos de pessoa que você encontra em West Virginia, o tipo de mineiro que estava ao lado de negros e gays cinquenta anos atrás e foi preso defendendo as montanhas dez anos atrás, no outono de sua vida.

Tenho medo do que vem aí, mas não estou apavorada. Tenho consciência de que vivo em um estado vermelho, mas não estou apavorada.

Se somos monstros, então temos garras e presas. Se somos monstros, então podemos aterrorizar. Se somos monstros, então temos amigos. Se somos monstros, então temos uma linhagem de poder. Se somos monstros, temos uns aos outros.

Ou então nenhum de nós é monstro, nem nós nem eles, e somos todas pessoas. Pessoas perigosas.

Mas eu gosto de monstros. E de filmes de terror bem assustadores.